

**Ensaio de filosofia fisionômica:
Nietzsche e o estranhamento do mundo¹**

**An essay on physiognomic philosophy:
Nietzsche and world estrangement**

Juliano Garcia Pessanha

Doutorando USP

E-mail: julianogpessanha@hotmail.com

Resumo: Esta é uma leitura onto-topológica de Nietzsche inspirada na microesferologia de Peter Sloterdijk. Trabalha com a diferença entre "mergulhar no mundo" e "recuar". Essa diferença permite acessar de modo concreto a posição do avaliador de medidas e genealogista.

Palavras-chave: Nietzsche; onto-topologia; estranhamento; Sloterdijk; *self* negativo.

Abstract: This is an onto-topological reading of Nietzsche inspired by Peter Sloterdijk. It works with the difference between "immersing in the world" and "backing away". This difference allows concrete access to the value-measurer's and genealogist's position.

Keywords: Nietzsche; onto-topology; estrangement; Sloterdijk; negative self.

[...] quando busco a mais profunda antítese de mim mesmo, a mais incalculável vulgaridade de instintos, encontro sempre minha mãe e minha irmã – crer-me aparentado a tal *canaille* seria uma blasfêmia a minha divindade. [...] A proximidade fisiológica torna possível uma tal *disharmonia praestabilita*... Confesso que a mais profunda objeção ao “eterno retorno”, que é o meu pensamento verdadeiramente abismal, são sempre minha mãe e minha irmã.

Nietzsche, *Ecce homo*

¹ Esta leitura de Nietzsche é inspirada nos textos de Sloterdijk a partir da publicação da trilogia *Esferas*. O “método”, entretanto, se remete aos trabalhos do jovem Sloterdijk, quando este recomendava o quinismo grego e o testemunho como antídotos ao academicismo e ao *logos* descarnado, por isso falo de Nietzsche em primeira pessoa, na medida em que uma ferida similar autoriza um texto-amizade. Em termos brasileiros, trata-se de antropofagia. Há, ainda, apropriações dos livros de Sloterdijk sobre Nietzsche, a saber, *O quinto “evangelho” de Nietzsche* (2004b), e, principalmente, *O pensador em cena: o materialismo de Nietzsche* (2000). Parte deste texto foi originalmente publicado no livro *Os paradoxos da repetição* (2014) como desdobramento da série de conferências de mesmo nome realizada em 2013.

É estranho que eu, Nietzsche, logo que cheguei ao mundo, aquilo mesmo que encontrei se achava em estado de atrofia e de diminuição. Meu corpo chegou pulsando vitalidade, mas o corpo de minha mãe estava armado pelo espantinho de Cristo. Eu o abraçava, mas ele era imóvel e parecia uma cômoda de mármore. O corpo de minha mãe não ressoava com o meu e, quando me jogaram no berço, um crucifixo gelado esfriou minhas costelas. Eu fui então recuando e, ao invés de nascer para o mundo e mergulhar para o seu interior, vi um corpo vermelho e úmido de alergia e desconforto – o meu! – recuar e virar uma pergunta: quem são os sequestradores, de onde vêm e como tomam os corpos esses vingadores?

Eu poderia ter me falsificado inteiramente para entrar em sintonia com os corpos que encontrei; eu poderia ter me convertido num pastorzinho embolorado e ter tentado deixar de pegar o peito de minha mãe com a voracidade que tanto a assustava; mas eu me falsifiquei apenas pela metade: eu deixei a linguagem desses corpos me tomar para fingir um nascimento e, simultaneamente, tornei-me uma suspeita muito aguda, uma suspeita de gelar o peito: há vida aqui? Por que não há mais vida aqui? Um enorme estranhamento e um igualmente enorme pressentimento formaram a embocadura do meu começo. Vale dizer que, se de um lado eu tive de me levantar reativamente pelos cabelos para produzir e legendar milimetricamente todos os meus comportamentos a fim de que eles fossem cabíveis e sintônicos com o corpo sequestrado que me recebia – e está aí incluído até mesmo o movimento da boca e dos bracinhos, tudo calibrado pela medida exausta do outro, pela medida da mulher-camelo –, de outro lado, em meio ao calafrio dessa falsificação, eu pressentia o dia do estopim, o dia em que eu poderia destruir e pulverizar toda a medida mensurada para dar lugar ao gesto puro e espontâneo, o gesto sem álibi, sem medida e sem legenda.

As primeiras questões já se abriam nesse primeiro começo, pois como é que o corpo roubado da mulher que não se deixava morder nem assaltar podia ser o bem quando minha pureza fisiológica e minhas antenas psicológicas indicavam que aquilo era o mal? Será que deus era o próprio pai do mal como eu iria escrever numa redação aos treze anos de idade? O problema é que logo no início eu não podia ainda saber que aquilo que eu encontrava estava em estado de atrofia e de enfermidade, porque eu ainda não havia percorrido uma pluralidade de lugares nem escavado historicamente as

medidas para encontrar sua multiplicidade. E se aquele corpo que me despejava para longe, desautorizando todos os meus gestos, fosse o corpo único (o corpo-essência), então eu seria apenas uma aberração de boca grande demais? Nesse caso eu não teria tido como fugir nem escapar. Eu não teria encontrado minhas linhas de fuga. O endereço da atrofia seria o único e verdadeiro.

Mas se esse endereço não era o único, conforme me soprava um pressentimento somático, então devia existir outras origens e outras possibilidades. E foi essa a minha descoberta: todas as medidas e configurações são históricas e elas podem se modificar e transmutar. As medidas e as forças se apoderam das coisas e dos seres, às vezes se conjuminam bem e há um resplandecimento, às vezes as forças e as medidas enfraquecem e desvitalizam a potência dos seres. Foi assim que consegui mostrar que o corpo de meus anfitriões eram apenas um certo tipo de corporeidade nascida historicamente de uma raiva e de uma vingança contra o corpo, mas que haviam outros corpos, outras fisiologias e temperamentos... Cheguei a narrar uma história de quatro, cinco mil anos, mostrando a seiva vingativa que nutria o surgimento de duas grandes religiões, para demarcar a gênese dos corpos que encontrei em minha época. Se mostramos que alguma coisa começou e veio a ser num dado momento, então retiramos dela o seu poder, pois fica claro que ela não vigorou sempre nem está destinada a vigorar eternamente. Este é o procedimento genealógico-desconstrutivo. Mostrar a gênese é desconstruir e abrir novas possibilidades. Se mostramos o começo de algo, podemos também decretar o seu fim e proclamar a vinda de alguma outra coisa. Foi assim que já na minha primeira entrada, quando identifiquei no elemento socrático o princípio da decadência e a corrupção da marca característica da grecidade – o *polemos* entre o dionisíaco e o apolíneo – então eu simultaneamente pude reivindicar a suspensão do “socrático” e o ressurgimento do trágico pelas mãos de Wagner e sob o patrocínio do meu relato!

Abrir novas possibilidades... Eis o que me é necessário.

Meu gesto incessantemente repetido e reiterado foi o de tentar rasgar, furar e atravessar a parede embolorada do meu primeiro endereço. Aplicado como um cupim e selvagem como um menino-tornado, eu precisava roer e tirar de cima de mim o corpo morto, todo conquistado por deus e pela metafísica. Na verdade, deus e a metafísica me mataram logo que nasci. Impediram que eu adentrasse. Impediram que de mim brotasse uma ação, e eu fiquei invadido e roubado pela máquina de sentido moral. Ela quadriculou e estipulou o sentido e a legenda de cada gesto. Ela se incorporou ao meu

corpo, o tomou e o resfriou, de tal modo que me sobrou o calafrio de um estranhamento e a pergunta. Esse estranhamento aconteceu porque a fisiologia e o temperamento de meu corpo não eram dóceis à invasão da máquina moral (por isso, como disse, não me tornei um pequeno pastor embolorado ou um filólogo acadêmico que apenas reage a estímulos livrescos, mas não sabe o que é pensar...), enquanto o corpo-familiar, tanto o da lhama, minha irmã, quanto o de minha mãe biológica, era inteiramente dócil e conformado com esse roubo. Meu combate com a metafísica e com deus foi um combate inteiramente físico com forças que haviam se apoderado de mim. A sede dessa luta, o lugar desse combate, foi o meu corpo. Era necessário que eu identificasse tais forças e encontrasse outras que fossem capazes de me conceder as migrações necessárias. Daí os tantos nomes de aliados e de adversários que pululam nos meus livros, entre tantos, Javé, Platão e Paulo de um lado, Dionísio, Zaratustra e Diógenes de outro.

Na primeira série, os nomes que ratificam a origem em que fiquei barrado; na segunda, os que me convidavam a vir, a nascer e a ressoar. Meus livros guardam a memória desse combate permanente. Guardam o gesto de finitizar historicamente os primeiros para retirar-lhes o poder e também o grande anseio do retorno. O eterno retorno é o desejo de que volte sempre o vivo! Eu não quero que volte o morto e o reativo, aquilo do que busco liberação. Eu quero que retorne o meu primeiro movimento, puramente afirmativo, no lugar aberto de um poder começar. “Inocência é a criança, e esquecimento, um novo começo, um jogo, uma roda a girar por si mesma, um primeiro movimento, um sagrado dizer-sim.”² É a esse gesto puro e sem medida que aspira o meu eterno retorno. Ele aspira a uma ressurreição permanente no interior de uma imanência desimpedida.

Há milhares e milhares de comentários e teses à minha pretensa Doutrina do Eterno Retorno. Mas o eterno retorno, se o meu leitor se desloca do argumento filosófico para o umbigo do filósofo – como eu sempre recomendei –, é apenas a minha utopia mais íntima. Aspiro encontrar na terra uma festa de ressonâncias. Se encontrarei um teatro de marionetes manipuladas por deus, meu sonho último é o de encontrar crianças inocentes e vivas, seres criadores.

Eu lamento muito que não haja tantas leituras dionisianas do meu pensamento. Uma leitura dionisiana é aquela em que o leitor me empresta sua ferida e sua dor para

² Nietzsche, em *Assim falou Zaratustra* (2011, pp. 28-29).

me compreender. É apenas nesse caso que sou devidamente encontrado. O *a priori* para a minha compreensão é “patocêntrico”. A máquina universitária, ao me examinar apenas como rede conceitual e malabarismo intelectual, apenas pule (do verbo polir) o monumento que virei e me deixa mais e mais só. Ela segue assim a recepção de minha mãe e irmã. Minha irmã terminou me fotografando e me exibindo para turistas. Enviava também meus pertences para Hitler e Mussolini. A universidade também parece pegar os meus pedaços e embrulhá-los e, ao invés de devorar-me por inteiro e se nutrir de mim, realiza apenas uma cafetinagem parcial.

Eu quero ser devorado e intimizado, encontrado naquilo que sou! Eu peço assim que o meu leitor se apresente! Eu só reconheço os argumentos *ad hominem*! É preciso mostrar que se tem sangue para me compreender. Eu autorizo o JP a me ler e a falar sobre mim porque, quando ele me encontrou pela primeira vez, passou a noite toda em claro. Entrou numa tal sintonia e numa tal ressonância com o corpo de meu livro que senti que aquilo havia sido escrito para ele ou que teria emergido dele mesmo como uma criatura sua. Não era um livro exterior, um livro-equação. Era algo saído do seu próprio corpo. Quando encontramos algo desse modo, quando dizemos “nossa, é isso, é isso aqui”, “eu não acredito”, então estamos na zona da hospitalidade e na zona do grande sim. É o lugar A, a província da intimidade! Nesse lugar podemos começar – começo girando e me adensando sobre um outro que sou eu mesmo, então meu corpo se estende e se esparrama sobre o mundo. É que o gesto nascido e brotado afirmativamente do meu corpo encontra um aliado que sintoniza com ele, e ambos ressoamos no interior de um espaço vivo e sustentado. Aí acontece um adentramento e uma tomada de medida. No meu caso, o nascimento foi para fora. O corpo ardeu no encontro com a medida inóspita e eu recuei. Recuei para o lugar nenhum e tornei-me “imensurável num mundo de medidas e imponderável num mundo de pesos”.³ Tornei-me o próprio metro da verdade, o raio x e a genealogia de qualquer medida. Nascido no terror da medida que me invadiu e colonizou, ganhei um olhar para destrinchar e medir qualquer medida.

Portanto, devo preveni-los... Muito cuidado ao falar de mim ou contra mim. Tudo o que você disser poderá ser usado contra você! Falar contra Nietzsche é apenas se delatar e contar do próprio lugar. Afinal, quem sou eu, quem é Nietzsche? Um sismógrafo, uma raio x e um sorriso? Um *self* negativo que não quis virar místico, mas lutou para ganhar corpo e órgãos? Talvez seja isso mesmo, mas enquanto uma tal

³ Referência ao poema “Que vou fazer, cego e enteado”, de Marina Tsvetáieva (2006, p. 111).

posição persistir em comparecer na terra, a ferida estará bem guardada, e toda e qualquer humanidade estará impedida de se fixar.

Menino tornado menino, encontramos-nos na praia da ternura enlouquecida.

Eu me encontro com o JP na orla dessas praias tropicais, ali onde só há movimento e dança tanto das nuvens como das ondas. Ali, junto aos caranguejos que correm, podemos adentrar a ternura exaltada. Minha própria filosofia, infelizmente, em poucos momentos chegou ao lugar da seriedade da criança brincante. Eu me consumi, quase inteiramente, na luta do leão com o camelo e tive de ser mais “não” do que o “grande sim” almejado. Se eu tive de me parir novamente contra um corpo teologal, JP teve de nascer de novo após o seu completo assassinio por uma máquina pediátrica-psiquiátrica. Já logo em sua chegada ao mundo, seus gestos foram lidos como ataques terroristas de voracidade, gula e agressão. Réguas e médicos se debruçaram sobre ele, e JP diagnosticado e domado foi obrigado advir a si na forma do bebê morango de sua mãe. É surpreendente que ele não tenha se acomodado aí nem tenha coincidido com o corpo amputado que lhe deram. Por alguma razão misteriosa, o bebê morango começou a azedar, e JP não perdeu a “memória medular da sua energia”.⁴

A clausura no apêndice da mulher asséptica ganhou um rasgo e JP existiu o tempo todo num autoestranhamento fervilhante. Assim como eu, ele foi salvo pelo pressentimento e por diferir de si sob a vigilância permanente de um olho-assistente. A diferença é que se no meu caso a luta se desenrolou principalmente dentro do ascetismo filosófico livresco, JP levou o próprio corpo ao campo de batalha.

Foi lá pelos 20, 21 anos, quando a sexualidade, tardiamente, começou a desabrochar naquele corpo que JP tentou resgatá-lo do roubo e, ao invés de conduzi-lo na direção das mulheres belas e elegantes, levou-o ao beco dos travestis. Se eu busquei os gregos da época trágica, se eu me dirigi a tudo aquilo que não era cristão, mas que pertencia a épocas fortes e grandes, JP tomou também a direção contrária ao seu legado, dirigindo-se não a mulheres brancas e perfumadas, mas aos travestis da rua. Nas madrugadas, protegido somente pela embriaguez, ele deslizava com o rosto enrubescido em infindáveis rondas sexuais. E o que eram essas rondas se não o grande anseio de ter seu corpo resgatado para si, fora dos domínios colonizados? Quando esse jovem lobisomem paulistano começou também a migrar e a salivar para as prostitutas de corpo vivo, numa frequência e intensidade cada vez maior, não era a sua aspiração destruir e

⁴ Palavras de Artaud (1983, p. 114).

ultrapassar aquele corpo quadriculado, que era mera extensão e propriedade de uma anfitriã já devidamente sequestrada?

Só agora, depois de morto, quando finalmente sosseguei e encontrei um lugar confortável, é que ousou perguntar quantas gerações são necessárias para produzir uma vida inviável, uma vida destinada a ter de reavaliar todos os valores? Minha sorte foi ter morrido razoavelmente cedo. Há um imenso cansaço num corpo incessantemente genético. Eu sempre tentei omitir esse cansaço e opus a ele a minha famigerada vontade de potência. No fundo ela era apenas a minha terapêutica para o cansaço.

Quanto às buscas corpóreas de JP, elas logo se tornariam mais e mais problemáticas e cheias de remorso e pavor. Após algumas doenças transmitidas sexualmente, JP assistiu à televisão anunciar em tom fatal e com cores vermelhas o advento de uma nova moléstia venérea. Era uma peste gay e ela estava levando as pessoas direto para o túmulo em muito pouco tempo: Síndrome da Imunodeficiência Adquirida. JP apalpou seus gânglios e concluiu que estava morrendo. Viveu então muitos anos como um moribundo na hora derradeira, cuja única despedida era despedir-se da promessa de nascer. E, a cada dia, assistia à sua vitalidade definhando e ser novamente capturada pela máquina médica e pelo diagnóstico.

Numa noite, num bar da região central da cidade de São Paulo, JP envolveu-se em uma discussão com um homem que trabalhava com grupos para “aidéticos” e “terminais”. JP o acusou de ser um escravo do diagnóstico e um ladrão do nome e da morte das pessoas. O homem perplexo não entendia nada do que seu interlocutor dizia, e JP então pegou uma garrafa, a quebrou e se cortou. Quando o sangue começou a escorrer, ele gritou: “Este sangue não pertence a tua seita nem a dos infectologistas. Este aqui é o sangue anterior e eu te acuso pelo esquecimento deste sangue. Você não tem saudade do originário?”. A angústia de JP diante daquele homem que dizia encarnar o bem era tão profunda que ele mal sentiu quando a polícia chegou e aplicou-lhe muitos golpes até ficar caído na calçada.

Dois dias após esse acontecimento, JP começou um diário num caderno negro de empresa. Logo nas primeiras linhas desse diário lê-se: “Quero preencher todas estas páginas com meu pânico estéril! Eu sou ainda o início de uma sentença nunca escrita e o lugar onde ninguém vai e ninguém foi. Perdi todas as barcas, mas enquanto me afogo vou cravar estas palavras de combate. Talvez eu devesse ter inventado uma nova religião e um novo céu para os abortados, mas eu sempre desprezei a ilusão e a minha única religião foi o corpo vivo na exuberância de um começo sem palavra”.

Quando leio essas palavras, eu, Friedrich Nietzsche, penso que se JP ainda não havia me lido, nem me conhecia em fevereiro de 1985, ele já havia me encontrado e habitado o meu lugar.

Triste daquele que amou demais a própria origem. Quem honra o assassino ou desaparece ou realiza uma transvaloração.

Referências

Artaud, A. (1983). *Os escritos de Antonin Artaud* (Cláudio Willer, trad.). Porto Alegre: L&PM.

Nietzsche, F. (2011). *Assim falou Zaratustra* (Paulo César de Souza, trad.). São Paulo: Companhia das Letras.

Pessanha, J. G. (2014). O gesto repetido de Nietzsche. In D. Fingerhann (org.), *Os paradoxos da repetição*. São Paulo: Annablume.

Sloterdijk, P. (2000). *El pensador en escena: el materialismo de Nietzsche* (Germán Cano, trad.). Valência: Pre-Textos.

Sloterdijk, P. (2003). *Esferas I*. Madri: Siruela.

Sloterdijk, P. (2004a). *Esferas II*. Madri: Siruela.

Sloterdijk, P. (2004b). *O quinto “evangelho” de Nietzsche*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro.

Sloterdijk, P. (2008). *O estranhamento do mundo*. Lisboa: Relógio D’água.

Sloterdijk, P. (2009). *Esferas III*. Madri: Siruela.

Tsvetáieva, M. (2006). *Indícios flutuantes: poemas* (Aurora Bernardini, trad.). São Paulo: Martins Fontes.

Tsvetáieva, M. (2008). *Vivendo sob o fogo*. São Paulo: Martins Fontes.